

A análise da realidade: aproximação entre categorias emergentes das contribuições de Karl Marx e Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho propõe-se analisar as contribuições dos intelectuais Karl Marx e Paulo Freire, enquanto autores fundamentais para a apreensão da realidade social, entendida como concreta e processual. A partir de um estudo descritivo crítico, elencando as categorias práxis revolucionária e método dialético, essa pesquisa visa compreender as formações desses dois autores e os avanços que seus trabalhos proporcionaram para compreensão da realidade. Tendo em destaque uma educação que se (re)produz a partir das relações e das determinações sociais, econômicas, políticas e ideológicas encontradas no modo de produção capitalista. Nesse contexto, em suas ações e reflexões, Marx manifesta-se pela emancipação humana e Freire pela libertação dos oprimidos.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação. Trabalho. Práxis.

Daniel Santana de Souza

daniel.souza@rolante.ifrs.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-6350-0809>

UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Marcus Eduardo Maciel Ribeiro

marcusemr@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5974-3050>

UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

INTRODUÇÃO

Em tempos de esvaziamento das palavras endereçadas que não encontram seu destinatário, onde reside o vazio na distância entre a fala e a escuta, iniciamos apresentando o valor do verbete de tratamento camarada. A partir de uma perspectiva histórica, haverá sempre uma disputa pela acepção, pelo sentido e pelo conteúdo social da palavra, não havendo um significado estanque ou atemporal. O termo camarada designa sobretudo uma relação política, um conjunto de expectativas de ação em direção a um objetivo comum, independentemente de suas diferenças. Os camaradas, a partir de uma ideologia convergente, estão juntos na luta e compartilham de um compromisso com princípios e objetivos comuns (DEAN, 2021).

Num cenário neoliberal de mudança da política por ética e economia, ainda segundo Dean, muitas virtudes clássicas do camarada estão diluídas e domesticadas na forma indivíduo: autocultivo, autogestão, autodependência, auto absorção, autodeterminação. O objetivo da camaradagem não é cultivar a individualidade, mas sim “derrubar o capitalismo racial patriarcal e construir uma sociedade na qual a produção seja baseada em atender às necessidades humanas” (DEAN, 2021, p. 13-14).

Em uma criação de realidade, Karl Heinrich Marx e Paulo Reglus Neves Freire, caso fossem contemporâneos, seguramente camaradas seriam, haja vista a direção a um objetivo comum. Esses autores são convergentes na compreensão de que o imperativo consciente dos homens é comprometido com a emancipação da exploração, da opressão e da alienação. Cada autor, em seu arcabouço, Marx categorial e Freire epistemológico, configura-se como clássicos que não deixam de ter atualidade. Refletem os valores de seu tempo e suas obras ultrapassam o seu período histórico em sua universalidade.

As relações entre Marx e Freire promovem o encontro de homens que pronunciam o mundo enquanto sujeitos que fazem parte e intervêm na realidade, no qual o foco permanente é a reflexão sobre a realidade a qual não é entendida como abstrata e estática, mas sim como uma realidade concreta e processual (FREITAS; FREITAS, 2013).

A partir de um estudo descritivo crítico, intenciona-se elencar as categorias práxis revolucionária e método dialético, que venham a demonstrar algumas contribuições de Marx e Freire, bem como pesquisas que se debruçaram a compreender as formações destes dois autores e os avanços que seus trabalhos proporcionaram para compreensão da realidade.

Este trabalho, sobretudo, tem ênfase na transformação social, tendo em destaque uma educação que ultrapassa o âmbito escolar e se (re)produz a partir das relações e das determinações sociais, econômicas, políticas e ideológicas encontradas no modo de produção capitalista.

KARL MARX E A ONTOLOGIA DA REALIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO

Apesar da educação ser um tema apenas ocasional na obra marxiana¹, é possível verificar alguns elementos teóricos de uma teoria marxista² da educação; uma pedagogia marxista e socialista, que tece uma crítica radical às ideologias teóricas e práticas burguesas. Em Marx, a educação é apontada como um importante instrumento de desalienação do proletariado. Para além de sua forma mecânica, ela é vista “como uma importante ferramenta de formação e, portanto, um instrumento para a consolidação da revolução” (LOMBARDI, 2020, p. 95-6).

Karl Marx escreveu sobre educação em vários de seus escritos, onde ele fala sobre a relação entre a educação e o trabalho na sociedade capitalista. Marx também discute a relação entre a educação e a formação da consciência de classe, argumentando que a educação tem um papel fundamental na transformação revolucionária da sociedade.

Para superar a proposta burguesa de educação, a proposta comunista foi gradativamente se configurando e assumindo os seguintes princípios: eliminação do trabalho das crianças na fábrica; associação entre educação e produção material; educação politécnica, que leva à formação do homem omnilateral, e abrange três aspectos: mental, físico e técnico, adequados à idade das crianças, jovens e adultos; inseparabilidade da educação e da política e articulação entre o tempo livre e o tempo de trabalho (LOMBARDI, 2018).

A proposta comunista de educação é baseada na ideia de que a educação deve ser um processo democrático, igualitário e acessível a todos. De acordo com os ensinamentos comunistas, a educação deve ser livre de qualquer forma de opressão e deve ter como objetivo principal a formação de indivíduos críticos, capazes de entender e questionar as estruturas sociais existentes.

Num viés marxiano, “temos de emancipar a nós mesmos antes de poder emancipar outros” (MARX, 2010, p. 34)³. Esta citação sintetiza o que é importante efetivar em termos de educação em geral. Em Marx, emancipar-se significa construir as bases de superação da reificação e de transformação social a partir dos limites e no interior da sociedade capitalista (SCHLESENER, 2016).

Os marxismos⁴ surgem como uma antítese ao modelo necrófilo capitalista, formulando propostas concretas de superação do sistema hegemônico, marcado pela exploração e pela opressão (TADDEI, 2014), caracterizando-se por uma visão conjunta da natureza e do homem.

As categorias de análise aqui elencadas, Método Dialético e Práxis Revolucionária, configuram-se para Marx como base no seu pensamento e são fundantes em toda sua obra. De modo que o Método em Marx é um movimento dialético que parte de sua concepção ontológica da realidade social, já a categoria Práxis Revolucionária inclui todas as objetivações humanas do ser social e envolve o trabalho que, na verdade, é o seu modelo.

A CATEGORIA MÉTODO DIALÉTICO EM MARX

A escolha do método de uma pesquisa está ligada a seu conteúdo e a seus objetivos. Requer como questão central compreender a localização da relação sujeito-objeto. Parece possível buscar, filosófica e cientificamente, no método materialista histórico-dialético a tarefa de conhecer os mais variados elementos que envolvem a prática educativa num mundo dialético que se movimenta e é contraditório a respeito disso, Gramsci afirma que

toda investigação tem seu método determinado e constrói uma ciência determinada [...] acreditar que se pode fazer progredir uma investigação científica aplicando-lhe um método tipo, escolhido porque deu bons resultados em outra investigação ao qual estava relacionado, é um equívoco estranho que nada tem em comum com a ciência (GRAMSCI, 1999, p. 123).

Na concepção de Marx, para além das análises de conjuntura da época, confere-se um enfoque na construção lógica-teórica do método do materialismo histórico e dialético de análise da realidade, forjado na historicidade, contradição e totalidade, enquanto elementos essenciais. Portanto, a dialética de Marx será aqui apresentada como possibilidade teórica, enquanto instrumento lógico de interpretação da realidade educacional que queremos compreender (PIRES, 1997).

Educação e emancipação são conceitos que, no contexto do materialismo histórico, deveriam ser análogos ou vinculados em relação de semelhança e completude: a educação deveria ser sempre emancipadora. Mas tal só é possível em uma sociedade com fundamentos diversos dos que sustentam a sociedade capitalista (SCHLESENER, 2016).

O estudo da concepção teórico-metodológica em Marx apresenta uma série de desafios, em parte por conta da própria complexidade, mas principalmente, pelos tratamentos equivocados de interpretação que foi submetida à obra marxiana. Importante frisar que Marx, no conjunto de sua obra, poucas vezes se deteve sobre a questão do método (NETTO, 2011).

Como afirma Lukács (1979), a orientação essencial do pensamento de Marx era de natureza ontológica e não epistemológica. O método de Marx não é fruto do acaso ou intuição excêntrica, pois é o produto de uma longa elaboração teórico-científica. Marx dedicou a vida toda para entender a sociedade de seu tempo e construiu uma Teoria Social: o materialismo histórico e dialético, cuja base é o lugar atribuído ao trabalho no desenvolvimento dos atributos propriamente humanos.

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado (MARX, 2010, p. 28).

A essência das categorias no método materialista histórico dialético correspondem ao reflexo da realidade, que deve ser confirmado na práxis humana, para se tornarem categorias lógicas.

De acordo com Netto (2011), no materialismo histórico dialético, a teoria é uma modalidade especial de conhecimento do objeto que busca compreender a estrutura dinâmica de sua existência real efetiva, independente das representações do pesquisador. Marx (1976)⁵, afirma que não parte de conceitos, de construtos ideais que separam subjetividade de objetividade. Esse movimento de apreensão da realidade, no método marxiano, parte da atividade objetiva, da práxis social, devido sua centralidade sobre a questão ontoprática.

Em relação ao conceito categorial apreendido por Marx, Kosik afirma que

O materialismo dialético é uma filosofia radical porque não se detém nos produtos humanos como numa verdade de última instância, mas penetra até as raízes da realidade social, isto é, até o homem como sujeito objetivo, ao homem como ser que cria a realidade social (KOSIK, 1976, p. 109).

Para Kosik, o materialismo dialético defendido por Marx e Engels compreende a realidade como um desenvolvimento de suas próprias fases e não a redução a uma situação diferente do que realmente é (KOSIK, 1976).

Considerando-se uma permanente dialética das forças entre opressores e oprimidos, a história da humanidade seria constituída por uma permanente luta de classes. Como afirmam Marx e Engels (2005, p. 40)⁶ na primeira frase do capítulo I de O Manifesto Comunista, “a história de toda sociedade passada é a história da luta de classes”⁷.

Como materialista histórico e dialético, Marx distingue notadamente o que é da ordem da realidade, do objeto, do que é da ordem do pensamento. Inicia-se pelo real e pelo concreto, que aparecem como dados e, com os avanços da análise, chega-se a conceitos, a abstrações que remetem a determinações mais simples (NETTO, 2011). A realidade é concreta exatamente por ser a síntese de múltiplas determinações, numa dialética em que as leis do pensamento correspondem às leis da realidade.

A CATEGORIA PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA EM MARX

A correlação direta da categoria Práxis Revolucionária com a educação se apreende como práxis social fundada no trabalho a qual se desenvolve numa relação de dependência ontológica. Por tanto, Karl Marx problematiza as condições de educação, tomadas em seu sentido amplo, que implicam a crítica à estrutura do capitalismo e a proposição de uma nova ordem social.

Contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para atingir o céu. Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam, nem daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens em carne e osso: parte-se dos homens, da sua atividade real (MARX, 1976, p. 26).

Nessa formulação de Marx, tem-se o pano de fundo para a constituição do processo enquanto ponto vital em que se constrói a sociedade e se elaboram as representações do social. Na qual a teoria não responde, a priori, aos

problemas que se apresentam, mas é uma referência provisória para pensar o real, que precisa ser constantemente reformulada a partir das exigências colocadas pela nossa existência (SCHLESENER, 2016).

Para Marx, a práxis transformadora se dá pela luta de classes, enquanto motor de toda a história. Por conta da orientação do pensamento de Marx ser de natureza ontológica, o seu interesse não incide sobre um abstrato como conhecer, mas sobre como conhecer um objeto real e determinado (NETTO, 2011), no caso a sociedade burguesa, configurando-se como um teórico que apresenta densa crítica ao capitalismo.

Em Marx, o pensamento está ligado à prática e é no uso social que ela prova sua eficácia e qualidade. Ideias nunca podem, por si mesmas, superar alguma realidade concreta, ideias apenas superam ideias e não, automaticamente, situações materiais, as ideias nunca podem mudar nada. Para realização das ideias é preciso que os homens ponham em ação uma força prática (KONDER, 2011), ou seja, uma práxis revolucionária.

A educação, pensada aqui sempre em seu sentido genérico, enquanto instrumento da continuidade social da vida, que não se limita à educação formal, aquela oferecida pela escola. É preciso observar que a educação é maior adquirida dentro do grupo familiar, social, religioso (CARDOSO, 2020). Ninguém escapa da educação, todos estamos envolvidos e misturamos a vida com a educação.

A categoria Práxis para Marx pode ser uma categoria mais abrangente que a do próprio trabalho, pois “a práxis envolve o trabalho, que, na verdade, é o seu modelo – mas inclui muito mais que ele: inclui todas as objetivações humanas” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 43).

A concepção de trabalho, inserida na categoria maior que é a práxis, ocupa posição central na teoria marxiana e marxista. O processo de trabalho é “[...] atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso” (MARX, 2010, p. 261). A acuidade que Engels trata o trabalho como algo muito mais do que a fonte de toda riqueza, é manifestada “[...] em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (ANTUNES, 2013, p. 13).

Como afirma Marx, em *O Capital* (2010), o trabalho é fundamental para o desenvolvimento da própria vida social, é condição ineliminável para a existência humana, uma vez que é pelo trabalho que os bens socialmente úteis são produzidos. O trabalho, em seu sentido ontológico, e por meio dele é que se desenvolvem todas as nossas potencialidades. Quando o sentido ontológico do trabalho vai se perdendo, historicamente, torna-se alienado.

Pelo trabalho o homem instrumentaliza os objetos que lhe são amanciais e os transforma em recursos para a ação sobre a natureza [...] Mas ao mesmo tempo inicia-se aí também a humanização do homem, pela formação da consciência reflexiva, capaz de apreender a realidade do mundo em forma de ideias abstratas [...] Só o desenrolar das operações, em repetições e avanços progressivos chega a constituir uma consciência verdadeira humana,

e supõe o concomitante progresso da evolução cerebral (PINTO, 1985, p. 341-342).

Nesse sentido, o trabalho alienado é inerente ao capitalismo e essa forma de organização econômica da sociedade leva a uma exploração cada vez maior da classe trabalhadora. Portanto, a superação do trabalho alienado é condição irrevogável de satisfazer as necessidades humanas não diretamente atendidas pela natureza.

A análise do trabalho, em sua dimensão ontológica, é relevante para a compreensão da educação na sua essencialidade. Fundamental para situar o limite da educação não só na forma capitalista de sociabilidade, mas também, sem perder de vista as suas possibilidades. Educação como uma práxis social tem como fundamento o trabalho, numa dependência ontológica onde o trabalho é a raiz a partir da qual surgem as outras dimensões, todavia, elas não são uma emanção direta do trabalho, nem mesmo inferiores ou superiores a ele, a qual possui uma função social ontologicamente distinta desse (MASSON, 2016).

Numa antropologia pedagógica de base rigorosamente histórico-materialista, Marx destaca as condições econômicas-sociais da organização capitalista do trabalho que, em última instância, aliena o homem.

Complementam Marx e Engels (2005) que a história de toda sociedade movimentou-se através de antagonismos de classe, e a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos passados. Portanto, não é de espantar que a consciência social de todos os séculos, só poderá se dissolver completamente com o desaparecimento dos antagonismos de classe.

No mesmo sentido, avançando na radicalidade em oposição à lógica do capital, sobre o processo de desumanização do homem, István Mészáros, na luta contra a alienação do capital, constata que para mudar profundamente a educação é indispensável mudar profundamente o meio social em que ela está inserida, sem uma mudança social estrutural só é possível corrigir pequenos erros na atividade educacional (CARDOSO, 2020).

Mészáros destaca que as soluções para a educação devem ser essenciais. Segundo o autor

a educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes (MÉSZAROS, 2008, p. 35).

Portanto, uma “educação para além do capital” que possa criar condições para o rompimento da lógica do capital e elaboração de estratégias para uma educação emancipadora, cultivando um processo de reestruturação social radical.

PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DA REALIDADE

A filosofia de Paulo Freire dialoga com muitas filosofias e autores diversos. Segundo Gadotti (1989, p. 115), “seu pensamento humanista inspirou-se no personalismo de Emmanouel Mounier, bem como no existencialismo, na fenomenologia e nos marxismos”.

Em sua obra, Freire dedica-se à democratização da sociedade, em especificidade na educação, com possibilidade de transformação da sociedade e, sobretudo, demonstra comprometimento com as classes oprimidas. A sua pedagogia consiste, de acordo com Bessa (2008), em um conjunto de propostas pedagógicas consideradas como progressistas e opostas à pedagogia liberal, tendo como seu principal objetivo os interesses da maioria da população, partindo sempre de uma análise crítica da sociedade capitalista.

Apoiado no método dialético, como forma de constituição de seu modo de pensar e fazer a educação, o rigor para Freire é diferente de rigidez e de autoritarismo “o rigor vive com a liberdade, precisa de liberdade. Não posso entender como posso ser rigoroso sem ser criativo, [...] sem liberdade, só posso repetir o que me é dito” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 98). Assim, educação libertadora não é sinônimo de educação sem autoridade.

Pensando a superação da opressão, a categoria Práxis Revolucionária em Freire requer a construção de um homem novo, para o qual precisamos de uma práxis libertadora. Nesta práxis, Educação e política são indissociáveis e complementares, e quiçá seja este um dos motivos, entre tantos, porque Paulo Freire desperta o medo nas classes dominantes (HERMIDA, 2022).

A CATEGORIA MÉTODO DIALÉTICO EM FREIRE

No tocante ao Método Dialético em Freire, o confronto da opressão deve ocorrer em um contexto pedagógico, no qual

não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente. Trata-se de uma prática pedagógica em que o método deixa de ser [...] instrumento do educador (no caso, a liderança revolucionária), com o qual manipula os educandos (no caso os oprimidos), porque já opera na própria consciência. (FREIRE, 2005, p. 63).

Paulo Freire, a partir de uma compreensão dialética da realidade, constitui-se numa autêntica pedagogia emancipatória, essencialmente humanista, colocada a favor da superação das desigualdades sociais, culturais e econômicas (HERMIDA, 2022). Tendo em vista a compreensão crítica do autor a respeito da

história e da educação, consideramos equivocadas quaisquer perspectivas reducionistas que atendam a uma análise singular que restrinja o autor a um método de alfabetização.

Além de um método, o que Freire criou foi uma proposta pedagógica que sensibiliza, que dialoga, que parte das relações humanas e da cultura da comunidade envolvida. Mapeia o universo do aluno para que a educação faça mais sentido para quem aprende, [...] os conteúdos são definidos a partir do seu universo, favorecendo que este realize a sua leitura do mundo. Uma leitura do mundo que, associada ao domínio da leitura e da escrita – ferramentas essenciais para se ter acesso ao conhecimento – é colocada a favor da transformação social, visando superar as desigualdades sociais que caracterizam a sociedade capitalista (HERMIDA, 2022, p. 485).

Freire (1999) propõe uma atuação para além da denúncia da realidade opressiva, que progrida no anúncio de uma nova realidade. Na obra pedagogia da esperança, a visão dialética indica a necessidade de recusar como falsa, a compreensão da consciência como puro reflexo da objetividade material, mas, ao mesmo tempo, a necessidade de rejeitar também o entendimento da consciência que lhe confere um poder determinante sobre a realidade concreta.

Uma vez garantidas as condições para a relação dialógica, com a devida problematização do tema gerador, dentro de um universo mínimo temático, Freire ressalta que no rigor metódico crescem as oportunidades para o aprendizado crítico, apontada como de vital importância (re)afirmando que essa perspectiva não tem relação com o discurso bancário, em função de que esse trata apenas a transmissão do conhecimento, da repetição (FREITAS; FREITAS, 2013).

Homens e mulheres, ao longo da história, [...] inventamos a possibilidade de nos libertar na medida que nos tornamos capazes de nos perceber como inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão [...] não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. (FREIRE, 1999, p. 100).

Em essencial para o pensamento filosófico e pedagógico de Paulo Freire, a firmeza na convicção da vocação ontológica dos seres humanos para ser mais⁸ na busca por sua humanização, na qual cada indivíduo assume a condição de sujeito de sua própria história, e num processo no qual objetividade e subjetividade, entrelaçam-se dialeticamente (FREIRE, 2019).

A CATEGORIA PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA EM FREIRE

A práxis trata-se de um conceito básico que perpassa toda a obra de Paulo Freire, parte do princípio de que toda a ação humana tende à práxis

(DICKMANN, 2015), assim a análise da realidade é análise do mundo, enquanto dado objetivo/concreto, e também como a percepção que o homem tem da realidade (FREIRE, 2015)⁹.

Práxis, uma síntese entre teoria-palavra e ação, em sua dimensão histórica pode ser compreendida como uma ação transformadora decorrente da estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida. Neste sentido, "agora, nenhuma separação entre pensamento-linguagem e realidade objetiva. Daí que a leitura de um texto demanda a "leitura" do contexto social ao qual ela se refere" (FREIRE, 1978, p.29).

Em Freire, dizer a palavra verdadeira é práxis, ou seja, "separada da prática a teoria é puro verbalismo inoperante; desvinculada da teoria, a prática é ativismo cego" (FREIRE, 2015, p. 224), uma unidade entre ação reflexão, prática-teoria, constituindo-se uma unidade dialética de subjetividade humana e objetividade do mundo, que se transformam em pressupostos para uma correta compreensão do conhecimento e da ação.

A cultura está para Freire como atividade humana de trabalho que transforma, numa politicidade do ato educativo na ação cultural para a libertação. Reconhece-se que vivemos num sistema de economia política excludente, de profundas desigualdades econômicas, que não coexiste com a democracia, fomentando a desigualdade política. O lugar onde vivemos é um construto humano, sendo assim, recriá-lo dentro de condições historicamente favoráveis é tarefa que requer ousadia cotidiana. Freire aponta contribuições necessárias a esse fazer – politicidade e pedagogicidade (LIMA, 2000).

A educação e a cultura apresentam-se enquanto elementos constitutivos da luta emancipatória das classes populares. Como salienta Freire, "[...] a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação" (FREIRE, 2019, p. 61). Com eixo na ação cultural para a liberdade, vivenciando a cultura como aquisição sistemática da experiência humana (FREIRE, 2019). E a vida vai sendo criada e recriada por homens e mulheres, fazedores de cultura, letrada ou iletrada, reconhecendo-se como sujeitos críticos, à curiosidade epistemológica.

Na busca da liberdade do indivíduo por meio de uma práxis que o leve a uma consciência crítica, percebendo sua participação e como potencial transformador da sociedade, Freire concentrou-se na sua pedagogia da libertação, buscando conduzir o sujeito a uma consciência de si e, portanto, consciência do mundo (DIAS et al, 2019).

A pedagogia crítica como um projeto de liberdade dá-se através do aspecto revolucionário da práxis autêntica, não se restringindo a uma teoria da ação, todavia na quebra da dicotomia do pensamento e ação, exigindo que esses ocorram simultaneamente e dialeticamente, com intuito de proporcionar uma leitura da realidade e suas contradições que vise à criação de alternativas libertadoras (FREIRE, 2005).

Uma práxis onde questionamento e reflexão devem também acompanhar a ação. Numa concepção freireana, uma educação libertadora que possua como função transformar o modo de pensar das pessoas, para que elas possam promover a mudança.

O ENTRELAÇAMENTO DAS IDEIAS DE MARX E FREIRE DIRECIONADAS À EDUCAÇÃO

Para se entender a educação, ou qualquer outro aspecto e dimensão da vida social, é necessário a inserção no contexto em que surge e se desenvolve, nos movimentos contraditórios que emergem do processo das lutas entre classes. Não faz sentido analisar abstratamente a educação, é preciso entendê-la como uma das dimensões da vida que se transforma historicamente, acompanhando as transformações do modo como os homens produzem e reproduzem sua existência material, social e espiritual (LOMBARDI, 2018).

Dito isto, este trabalho se finca num ato de coragem, num compromisso amoroso, provindo do imperativo ético em avançar na luta revolucionária pelos desenraizados, numa educação libertadora, na busca de uma ação dialógica como matriz de uma educação deveras democrática. Não pelo mero exercício contemplativo do pensar por pensar, todavia, como meio de encontrar pistas de transformação social dos valores então hegemônicos. Recorre-se à dialética na análise das relações, como instrumento de reinvenção do mundo. Nesse contexto, Marx e Freire consolidam-se como autores fundamentais para o entendimento da realidade, transitando o presente e o futuro numa construção histórica no passado.

Marx e Freire concordam que uma ação de transformação deve ser realizada por meio de uma práxis – em que teoria e prática agem, simultaneamente, em favor da transformação da realidade vigente – desenvolvida de forma dialogada (DIAS et al, 2019). Na práxis de transformação de uma dada realidade para torná-la menos hostil.

Rastrear o conceito de Práxis nos levará necessariamente a Marx, que define conter nela mesma um núcleo teórico e dialeticamente prático, segundo Vázquez (2011, p. 111) “uma teoria que veja seu próprio âmbito como um limite a ser transcendido, mediante sua vinculação consciente com a prática”. Já Freire

compreende a práxis como uma ação consciente que conduz a um discurso sobre a realidade para modificar esta mesma realidade. Ambos são dialéticos: Marx, um materialista dialético e Freire um dialético fenomenológico.

A compreensão da práxis na pedagogia crítica como um veículo revolucionário político está arraigada nos princípios do Humanismo Marxista, que renuncia à separação entre teoria e prática, como uma estratégia para a mudança e para o culminar real da revolução. visando superar a opressão, como um veículo revolucionário, através de um processo de conscientização crítica fundamentada na unidade dialética entre teoria e prática transformadoras (FERNANDES, 2016).

Freire constitui a opressão como mecanismo de imersão das consciências e, libertar-se dessa força, exige o ato de emergir por meio da práxis, entendida como a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2005). Em Freire, a libertação no centro da pedagogia crítica implica não apenas a liberdade no sentido democrático, mas a liberdade da relação da contradição dialética.

Por isso, Freire entende a humanização não como um processo garantido, mas como vocação¹¹ dos homens e mulheres, que pode ser negada na injustiça, opressão, exploração e violência, “[...] mas afirmada no anseio da liberdade, de justiça, de luta pela recuperação de sua humanidade roubada” (FREIRE, 1979, P. 40). A desumanização, mesmo sendo um fato concreto na história, não é, porém, destino dado.

Assumindo uma perspectiva classista, Paulo Freire destaca a valorização da educação no processo de humanização, que requer amorosidade, solidariedade e respeito ao diferente – fundamentos essenciais para nutrir a esperança de o homem vir a ser mais com os outros. Para Freire, todo ato pedagógico é um ato político, já que não há como dissociar a educação da política, já que não há como educar com neutralidade (HERMIDA. 2022).

Em Freire, a base da sua ação para a transformação é cultural, ou seja, alicerçada na ação cultural para a liberdade e na revolução cultural. Melhor dizendo, a revolução, para ele, como foi visto, acontece em duas etapas: na ação dialógica cultural, em um primeiro momento; e na revolução cultural, em um segundo momento. Assim, a ação cultural para a liberdade acontece no âmbito do capitalismo, como forma de resistência, enquanto que a revolução cultural acontece em estado avançado de transformação. Em Freire, a ação cultural é para a libertação, em oposição à ação cultural para a opressão.

Marx também reconhece a importância da educação no processo de transformação social. Todavia, seu foco primordial está na mudança das

circunstâncias, ou seja, sem mudar as circunstâncias, que também são resultantes do conjunto das atividades humanas do passado, em suas relações intersubjetivas e com a natureza, a atividade humana do presente não é suficiente para uma transformação imediata.

A ontologia marxiana, bem como a Freiriana, pode demonstrar com rigor necessário que o quadro histórico é determinado pelo processo de reprodução social. Portanto, recusa-se a essência humana que negue a sua histórica. Como afirma Freire (2019, p.17), “não há realidade histórica que não seja humana. Não há, história sem homens como não há, uma história para os homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz [...]”.

Tanto Marx quanto Freire ajustam-se à ideia de que a educação, do modo como está instituída, é um mecanismo de manutenção da estrutura capitalista e por isso defendem a necessidade de romper com essa lógica. Freire, quando afirma que o homem não está separado do mundo, ele está a todo momento se relacionando, e conseqüentemente, aprendendo com e por meio da realidade que o cerca. Afinal

a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 2019, p. 70).

Entre as dinâmicas relacionais possíveis que se constroem sócio-historicamente, encontra-se o trabalho, que é compartilhado por Freire e por Marx como uma ação planejada e consciente do ser humano na natureza, que ontologicamente transforma o sujeito em ser social.

Em pleno acordo, Marx e Freire apontam que o trabalho pode ser entendido como causa, meio e fim da dinâmica constituinte do ser humano, enquanto sujeito social e historicamente constituído, uma vez que o diferencia da natureza, é responsável pela sua humanização e representa a sua condição de produção e de satisfação das questões que o forma enquanto humanos. (CARVALHO, 2021).

Assim, os processos educativos e formativos são gerados a partir do acúmulo de transformações sociais e históricas geradas pelo trabalho, evidenciando a relação ontológica e inseparável do trabalho e da educação, em razão da produção do humano e de sua transmissão para a continuidade da humanidade. (CARVALHO, 2021). Entretanto, a alienação do trabalho, coloca o sujeito em uma posição de servidão, no qual o objeto produzido passa a ser algo hostil, estranho que o inferioriza e deixa de pertencer ao homem de forma objetiva. Portanto, o ser humano não se reconhece na produção do seu trabalho,

já que o produto não é a exteriorização ativa do seu processo laboral (MARX, 2008).

Marx apresenta a alienação, como resultado da exploração do trabalho, enquanto que Freire, lida com consequências socioculturais como as ações antidialógicas. A alienação, para Marx, tem sua base no processo de produção de mercadorias, enquanto, para Freire aparece como estranhamento do homem em relação ao próprio homem, num viés cultural.

Como ponto central do processo de humanização do ser social, nas dimensões ontológicas e históricas, Freire interpela o diálogo e a conscientização. A concepção de Karl Marx constitui-se na exploração e na opressão que no seu tempo histórico (século XIX), já atingiam níveis extremados de desumanização.

Ambos autores, militantes das causas dos explorados e oprimidos, dedicaram suas práxis, de forma obstinada para a construção de concepções e proposições emancipatórias para a humanidade. Eis o momento de conjecturar, caracterizar, analisar e teorizar para não cairmos no inócuo ativismo, ao tempo que mobilizar em ações efetivas, para que não nos acenda a inoperância do idealismo. Sempre num empenho dialético de ação-reflexão-ação sobre uma educação emancipadora, radical e por isso revolucionária.

Paulo Freire, que durante toda sua vida se caracterizou por se permitir transformações em seu pensamento, destaca por fim, que a transformação da realidade não é ocasionada somente pela mudança interna dos indivíduos, para além disso é preciso romper com toda a realidade opressora. Essa conscientização ocorre a partir da apreensão da história e do marxismo, da compreensão daquilo que, embora estivesse presente em sua realidade, ainda não havia figurado no entendimento sobre a construção cultural dos sujeitos. As leituras de Marx e Hegel ofereceram a Freire a compreensão de um novo sujeito formado em um processo histórico material baseado nas condições reais da existência. (CARVALHO, 2021).

Acredita-se numa educação que se ajusta num ato político, numa revolução autêntica dada pelo intermédio do diálogo. Pensar que a educação sozinha transformará o mundo é atuar movido por frívola ilusão. Temos, todavia, a oportunidade de diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz ao ponto de se fundirem, desfazendo a dicotomia entre teoria e ação. Assim se constitui uma práxis revolucionária.

Por meio da utilização de categorias definidas de forma a priori, os autores elegem a educação como ato político e, portanto, capaz de transformar a realidade. Assim, perante ao quadro de opressão e alienação, o que se espera de um processo educativo, ao tomar-se a mesma perspectiva de Marx e Freire, é a

busca pela humanização através da ação modificadora do mundo da opressão. Na junção do refletir e agir conscientemente sobre determinado contexto, não basta enxergar e compreender o mundo no qual encontra-se inserido, é necessário agir.

The analysis of reality: approximation between categories emerging from the contributions of Karl Marx and Paulo Freire

ABSTRACT

The present work intends to analyze the contributions of the intellectuals Karl Marx and Paulo Freire, as fundamental authors for the understanding of the social reality, understood as concrete and procedural. From a critical descriptive study, listing the categories revolutionary praxis and dialectical method, in a research that focuses on understanding the formations of these two authors and the advances that their works provided for the understanding of reality. Highlighting an education that is (re)produced from the social, economic, political and ideological relationships and determinations found in the capitalist mode of production. In this context, in his actions and reflections, Marx manifests himself for human emancipation and Freire for the liberation of the oppressed.

KEYWORDS: Emancipation. Work. Praxis.

El análisis de la realidad: aproximación entre categorías emergentes de los aportes de Karl Marx y Paulo Freire

RESUMEN

El presente trabajo se propone analizar los aportes de los intelectuales Karl Marx y Paulo Freire, como autores fundamentales para la comprensión de la realidad social, entendida como concreta y procedimental. A partir de un estudio descriptivo crítico, enumerando las categorías praxis revolucionaria y método dialéctico, en una investigación que se centra en comprender las formaciones de estos dos autores y los avances que sus obras brindaron para la comprensión de la realidad. Destacando una educación que se (re)produce a partir de las relaciones y determinaciones sociales, económicas, políticas e ideológicas propias del modo de producción capitalista. En este contexto, en sus acciones y reflexiones, Marx se manifiesta por la emancipación humana y Freire por la liberación de los oprimidos.

PALABRAS CLAVE: emancipación. Trabajar. Práctica.

NOTAS

1 Neste trabalho, o termo “Marxiano” é tido como um estudo minucioso e rigoroso daquilo que é inerente ao pensamento do próprio Marx. Tudo que é referente aos manuscritos de Marx e de sua própria autoria, bem como “Freiriano” remete ao pensamento de Freire.

2 Neste trabalho, o termo “Marxista” se refere à tradição construída a partir de Marx pelos seus seguidores, como István Mészáros, Mario Manacorda, Gramsci, etc. Construída a partir dos seus estudos.

3 Primeira Publicação em 1867.

4 O autor José Paulo Netto, na obra: O que é marxismo (NETTO, 2006, p. 8-9) sustenta que não existe algo como "o marxismo"; há marxismos, vertentes diferenciadas e alternativas de uma já larga tradição teórico-política.

5 Primeira Publicação em 1859.

6 Primeira Publicação em 1848.

7 Ressaltando que é toda história escrita, haja vista que a Pré-História era desconhecida no ano de 1847 no qual Marx e Engels escrevem.

8 Ser mais em Freire é a vocação para a humanização, e desvela uma natureza humana que é programada para ser mais, mas não determinada por estruturas ou princípios inatos. Em Pedagogia do oprimido, Freire considera o ser mais como um desafio da libertação dos oprimidos como busca da humanização (FREIRE, 2005).

9 Primeira Publicação em 1975.

10 Vocação ontológica em Freire é “permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história” (Freire, 1980, p. 39). Em um contexto marcado pela dominação, pela opressão e pela injustiça, os seres humanos se desumanizam e não encontram espaço, condições históricas adequadas para a realização da sua vocação ontológica. A vocação ontológica se efetiva através da educação libertadora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo (org). A dialética do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

BESSA, Valéria da H. Teorias da Aprendizagem. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2008

CARDOSO, A. P. V. . Contribuições de Karl Marx para a educação. INTERTEXTO (UBERABA), v. 13, p. 1, 2020.

CARVALHO, T. C. ; DEROSI, C. C. ; FONSECA, K. H. L. . Educação emancipatória: uma aproximação entre os conceitos de Paulo Freire e István Mészáros. VÉRTICES, v. 23, p. 405-424, 2021.

DEAN, Jodi. Camarada: um ensaio sobre pertencimento político. São Paulo: Boitempo, 2021.

DIAS, L. S. de A.; DONEL, G. M.; PEREIRA, K.; COMIOTTO, T.; MUNHOZ, R. H.; PAVANATI, I. Análise de ideias marxistas na obra de Paulo Freire. Debates em Educação, v. 11, n. 23, p. 36–48, 2019.

DICKMANN, Ivo. A formação de educadores ambientais: contribuições de Paulo Freire. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2015.

FERNANDES, Sabrina. Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução. Educ. Soc., Campinas, nº. 135, v. 37, p.481-496, abr.-jun., 2016

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Cartas a Guiné-Bissau. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986;

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Rio de Janeiro: 6 ed. - Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, L. A. A. ; FREITAS, A.L. . Freire e Marx: os caminhos da dialética. In: XV Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire, 2013, Taquara - RS. Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire. Taquara: FACCAT, 2013.

GADOTTI, Moacir. Convite a leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1989

GRAMSCI, A. ; Cadernos do Cárcere, vol. 1. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HERMIDA, Jorge Fernando; FERREIRA, Rafael de Farias; VARAO, H. S. Educação e política em Paulo Freire: fundamentos para compreensão da realidade contemporânea. Formação de professores na perspectiva Freireana - políticas, concepções e experiências. v. 4 n. 8/9. p. 480, 2022.

KONDER, Leandro. Marx – Vida e obra. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KOSÍK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LIMA, Licínio C. Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública. São Paulo: Cortez, 2000

LOMBARDI, J. C.; LIMA, M. (orgs.). Educação e revolução: as revoluções nos séculos XIX e XX e as possibilidades de uma nova educação. Uberlândia: Navegando, 2020.

LOMBARDI, J. C. Bicentenário de Karl Marx e a atualidade de suas contribuições para a educação. *Germinal: marxismo e educação em debate*, v. 10, p. 84-94, 2018.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política*. 27. ed., Livro I, volume I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo. Boitempo editorial, 2005.

MARX, Karl. Gloss marginal ao "Tratado de Economia Política" de Adolph Wagner. In: DOBB, Maurice et al. *Estudos sobre o Capital*. Tradução José Aricó, Ofelia Castillo, Juan José Real. 2. ed. Madri: Siglo Veintiuno, 1976. p. 169-184.

MASSON, G. O trabalho como fundamento do ser social e a educação como práxis social. In: MASSON, G.; SCHLESENER, A. H.; SUBTIL, M. J. D. (Org.). *Marxismo(s) e educação*. 1ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, v. 1, p. 19-38.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008

MOREIRA, Marco A. *Teorias de Aprendizagem*. 2. ed. ampl. São Paulo: E.P.U., 2015.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. *O que é Marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 2006

PINTO, Álvaro V. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

PIRES, M. F. C. A educação e o materialismo histórico e dialético. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, v.1, n.1, 1997.

SCHLESENER, A. H. Marxismo e Educação: limites e possibilidades do conceito de emancipação. In: SCHLESENER, A. H.; MASSON, G.; SUBTIL, M.J. (Org.). *Marxismo(s) e educação*. 1ed. Ponta Grossa: UEPG, 2016, v. 1, p. 39-62

TADDEI, Paulo E.D. *Marx e Freire: a exploração e a opressão nos processos de formação humana*. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014,

VÁZQUEZ, Adolfo S. Filosofia da práxis. São Paulo. Expressão Popular, 2011.

Recebido: 13 abr. 2023

Aprovado: 24 maio 2023

DOI: 10.3895/rtr.v8n0.16675

Como Citar: SOUZA, D. S. de; RIBEIRO, M. E. M. A análise da realidade: aproximação entre categorias emergentes das contribuições de Karl Marx e Paulo Freire. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e16675, p. 1-21, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Daniel Santana de Souza
daniel.souza@rolante.ifrs.edu.br

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

